

Marcolino Jeremias, et al (org.). *Três depoimentos libertários: Edgar Rodrigues, Jaime Cubero e Diego Gimenez Moreno*. Rio de Janeiro, Robson Achiamé Editor, 2002, 245 pp.

Seu melhor livro os anarquistas têm escrito com suas próprias vidas. Essa observação coloca uma dimensão do anarquismo que é muito valorizada e que trata da vida a melhor propaganda. É “vida vivida” do anarquista como a mais eficaz expressão em detrimento do mais completo sistema ou programa de idéias. É a “atitude anarquista” que, ao transpor o que é meramente eidético, inaugura sua existência, seu uso e disposição ética. Elisée Reclus dizia: “é pelo caráter pessoal que se faz a verdadeira propaganda” .

Não se trata de negar ou diminuir a extraordinária capacidade teórica dos anarquistas; isso seria historicamente falso e facilmente desmentido pela produção literária de um Proudhon, que versa sobre os problemas mais sutis de economia política, sociologia e teoria do conhecimento, até o desenvolvimento de um pensamento estético libertário. É preciso ver nessa produção, não um exercício exegético, mas um pensamento no qual se situa uma certa maneira de viver e ver o mundo, bem como sua própria decisão voluntária: uma escolha de vida e uma opção existencial. Essa escolha e opção exigem do anarquista uma conversão de todo o seu ser e a um desejo de ser e de viver de certa maneira; essa escolha e opção implicam ainda uma certa visão

* Mestre em Ciências Sociais pela PUC-SP e integrante do Centro de Cultura Social, São Paulo.

de mundo cujo discurso tem por tarefa justificar racionalmente. O discurso nasce, portanto, de uma opção existencial inicial que o conduz, por meio da persuasão, à atitude anarquista. Isso é explícito: a anarquia não se suspende quando termina o discurso por que está indissolúvelmente associada a um modo de vida que tende incessantemente para a liberdade sem nunca atingi-la por completo. Malatesta foi, talvez, o pensador que melhor expressou esse aspecto teórico do anarquismo. “Deixando de lado a incerta filosofia, prefiro ater-me nas definições vulgares que nos dizem que a Anarquia é uma forma de convivência social na qual os homens vivam como irmãos sem que ninguém possa reprimir ou explorar os demais e na qual todos disponham dos meios que a civilização possa oferecer-lhes para alcançar o máximo desenvolvimento moral e material; e Anarquismo é o método para realizar a anarquia mediante a liberdade, sem governo, ou seja, sem órgãos autoritários que pela força, ainda que com boas intenções, imponham aos demais sua vontade”.

Dessa dimensão teórica do anarquismo resulta estilos de liberdade: práticas singulares que criam valores a partir dos quais os indivíduos se posicionam em relação aos seus desejos e afetos na gestão de suas pulsões; não se trata, no anarquismo, de valores universalistas, mas de criações heterogêneas e poéticas no sentido etimológico deste termo.

Sob este aspecto a realização do trabalho *Três depoimentos libertários: Edgar Rodrigues, Jaime Cubero e Diego Gimenez Moreno* é tanto mais importante quando se tem em conta que as vidas que nele se desenham são vidas simples, desprovidas de ambições materiais e poder; que são e foram vividas sem glórias ou merecimentos, mas são “obras” que fixaram uma existência pautada por estilos de liberdade. São pessoas que vieram do mundo do trabalho e que mantiveram uma

militância anônima; seus relatos contextualizam opções e preferências e dão vida ao tema do anarquismo. Para além das derrotas no campo mais geral, as experiências delineiam uma ética do comportamento anarquista onde se reconhecem. Os relatos de Edgar Rodrigues, Jaime Cubero e Diego Gimenez afirmam nas suas pessoas a intensidade de suas vidas, as verdades individuais, as práticas singulares: a ligação de uma existência pessoal e sua experiência coletiva.

“Eu não tenho nenhum modelo de militante anarquista. Cada ser humano carrega uma individualidade, é um mundo de surpresas, capacidades e contradições. Afirma-se e nega-se mais quando age do que quando fala e/ou escreve. Os escritos e as palavras podem ser corrigidas, ajeitadas, suavizadas. A ação e a emoção não podem ser retocadas e nem sempre expressam em gestos e procedimentos intempestivos, o que somos realmente: carregam deformações e atavismos seculares”(p. 43).

“Lembro-me que escrevi um texto aos 12 anos e mostrei a um amiguinho que disse: “Pô, você é contra tudo, quer acabar com o mundo, você é contra o governo, a religião, contra isso, contra aquilo...”. Eu me sentia revoltado contra todas as injustiças que eu tinha visto. Daí depois tive a vivência com os outros militantes, lá no Centro. A própria responsabilidade de passar a secretariar, logo de início, o Centro dava-me uma certa responsabilidade, um envolvimento, um compromisso. Eu tenho um texto sobre ética anarquista mostrando mais ou menos esse aspecto: quando o sujeito assume um compromisso deve procurar cumprir. Para mim é fundamentalmente um problema ético. O sujeito se vê em face de um mundo tremendamente injusto, cheio de contradições. Ele se revolta contra aquilo, se insurge. Se ele encontra companheiros que pensam como

ele, passa a assumir uma espécie de compromisso com os outros para lutar contra isso (...)” (p. 118).

“Para mim anarquismo é o seguinte: todo aquele que deixa os vícios adquiridos no sistema burguês, deixa de ser escravo de todo o vício que o sistema criou do qual você participa pouco ou muito, uso de drogas. A liberação de todos esses vícios, participar com a companheira e os filhos desse desejo de liberdade. Iniciar essa educação com os filhos. Considerar a tua companheira com os mesmos direitos e não considerar que ela deve só ficar em casa, na cozinha e no tanque. Se você não está preparado nesse sentido, não está preparado para criar uma sociedade anarquista”(p. 228).

A leitura desse oportuno livro nos ajuda a compreender que numa definição da ética anarquista a ênfase deve ser dada às formas de subjetivação e de suas práticas, pois ela se volta mais para o indivíduo do que para um código ou outra regra explícita; a importância não recai sobre um conteúdo exterior, mas nas atitudes que fazem os indivíduos atingirem modos de ser; trata-se de um saber-fazer que reúne modos de subjetivação, elementos de ascese e práticas de liberdade. É que a vida anarquista diz: liberdade se vive.

retratando e apagando | Gabriel Passetti*

Paul Avrich. *Anarchist portraits*. Princeton, Princeton University Press, 1988, 316 pp.

Paul Avrich, historiador do anarquismo e professor do Queens College em Nova York, publicou em 1988

* Estudante de História na USP e integrante da Klepsidra — Revista Virtual de História (www.klepsidra.net).